

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT19.002

# OLHARES PARA ALÉM DA TECNOLOGIA DIGITAL NA ESCOLA: ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIALIZAÇÃO

Carla Sarlo Carneiro Chrysóstomo<sup>1</sup>  
Maria Aparecida Santos e Campos<sup>2</sup>

## RESUMO

A discussão sobre a proibição do uso de celulares na Educação Básica tem se tornado cada vez mais relevante nas últimas décadas, especialmente com a crescente inserção da tecnologia no cotidiano dos estudantes. O objetivo geral é investigar o processo relacional de alunos do Ensino Médio com a proibição do uso do celular na Educação Básica; através de entrevista estruturada. Justifica-se pelo fato da sociedade globalizada ser complexa e multifacetada, apresentando tanto oportunidades quanto desafios para os indivíduos e comunidades em todo o mundo, podendo levar à valorização da diversidade cultural. O problema é: por que os alunos do Ensino Médio não conseguem utilizar o celular como ferramenta pedagógica? As hipóteses são: falta de preparo dos professores no processo de integração do celular em salas de aula; ausência de internet na escola; metodologias engessadas e desconectadas do contexto midiático. Os objetivos específicos são: destacar a importância do celular como ferramenta pedagógica; citar os benefícios e os malefícios do uso indiscriminado do celular e explicar a relação do indivíduo e sua socialização na sociedade midiática. A metodologia se caracteriza

1 Doutoranda do Curso de Educação da UNINI - México; carlasarlo@gmail.com;

2 Doutora do Curso de Educação da UNINI - México; maria.santos@unini.edu.mx.

como bibliográfica, qualitativa descritiva, mista e exploratória. O instrumento de coleta de pesquisa é um questionário contendo doze questões com temáticas: tempo, local e maneira de uso do celular, assim como a sua aplicabilidade em sala de aula, aplicado a uma turma do segundo ano do Ensino Médio de uma escola estadual no município de Campos dos Goytacazes/RJ. O perfil desse público: desmotivados, apáticos e com dificuldades com a caligrafia, pouca criatividade e coesão do pensamento. Tem como referencial teórico Casagrande (2023) e Paraíso (2023), dentre outros. Um dos principais resultados é o reconhecimento dos alunos do lado positivo e negativo do uso do celular em sala de aula, considerando a utilização deles em um tempo maior em sites de bate papo, em detrimento de pesquisas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Tecnologia Digital, Socialização, Celular, Práticas Pedagógicas.

## INTRODUÇÃO

A proibição do uso de celulares na Educação Básica tem se configurado como um tema de crescente relevância no campo educacional, sobretudo diante da crescente integração das tecnologias digitais na rotina dos estudantes. Em um contexto marcado pela complexidade e diversidade cultural da sociedade globalizada, compreender as dinâmicas que envolvem o uso e a restrição dos dispositivos móveis no ambiente escolar torna-se fundamental para repensar práticas pedagógicas e políticas educacionais. Este estudo busca investigar o processo relacional dos alunos do Ensino Médio com a proibição do uso do celular na Educação Básica, por meio de entrevistas estruturadas, buscando identificar os fatores que dificultam a utilização desse recurso como ferramenta pedagógica.

O objetivo geral é investigar o processo relacional de alunos do Ensino Médio com a proibição do uso do celular na Educação Básica; através de entrevista estruturada. O problema questiona o porquê dos os alunos do Ensino Médio não conseguirem utilizar o celular como ferramenta pedagógica. Diante das hipóteses levantadas, que incluem a falta de preparo dos professores para a integração tecnológica, a ausência de conectividade nas escolas e a aplicação de metodologias tradicionais desconectadas do contexto midiático atual, o estudo pretende contribuir para o diálogo sobre a incorporação crítica e efetiva das tecnologias digitais no ensino. Tem como público alvo os alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual no município de Campos dos Goytacazes/RJ.

Os objetivos específicos estão elencados da seguinte forma: destacar a importância do celular como ferramenta pedagógica; citar os benefícios e os malefícios do uso indiscriminado do celular e explicar a relação do indivíduo e sua socialização na sociedade midiática.

## METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza como bibliográfica, , qualitativa descritiva, mista e exploratória. O instrumento de coleta de pesquisa é um questionário contendo treze questões com temáticas: tempo, local e maneira de uso do celular, assim como a sua aplicabilidade em sala de aula, aplicado a uma turma do segundo ano do Ensino Médio de uma escola estadual no município de Campos dos Goytacazes/RJ.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos gráficos apresentados busca compreender as percepções e práticas relacionadas ao uso do celular e das tecnologias digitais entre estudantes e professores, especialmente no contexto educacional. Os resultados refletem a presença marcante das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no cotidiano acadêmico e social, bem como as diferentes formas de apropriação desses recursos.

De modo geral, os dados revelam que os participantes reconhecem os benefícios e malefícios do uso do celular, posicionando-se de maneira crítica diante de sua utilização.

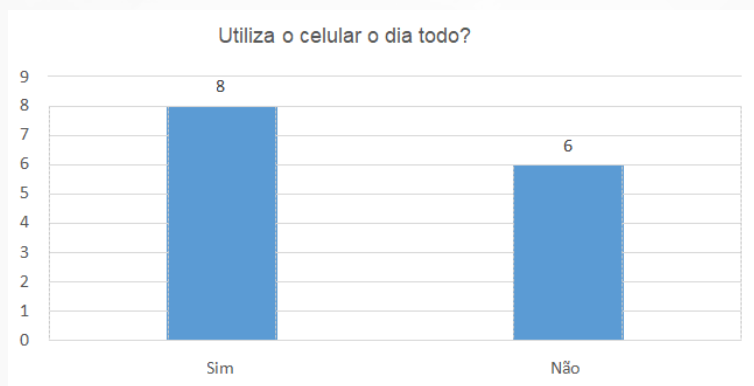
Observa-se, também, uma resistência à proibição do uso do celular na Educação Básica, o que indica uma compreensão do potencial pedagógico desses dispositivos. Ao mesmo tempo, os resultados apontam para lacunas de conhecimento conceitual, como o desconhecimento sobre a nomofobia, demonstrando a necessidade de uma formação mais ampla sobre o impacto psicológico e social das tecnologias.

Os gráficos ainda evidenciam a forte presença das redes sociais e aplicativos de comunicação, como Instagram, WhatsApp e TikTok, na vida dos participantes, o que reforça a importância de considerar esses espaços digitais como ambientes de aprendizagem e interação. Por outro lado, a análise do uso docente mostra que a maioria dos professores já integrava

o celular em suas práticas pedagógicas, o que sugere um movimento de inovação educacional interrompido pela política de proibição.

Dessa forma, a discussão dos resultados permite refletir sobre a necessidade de uma formação docente crítica e digitalmente competente, capaz de transformar o uso das tecnologias em ferramentas de aprendizagem significativa, conforme defendem Kenski (2024), Sabag (2018), Chrysóstomo (2021) e Gadotti (2024). A partir dessa análise, torna-se evidente que o desafio atual não está em restringir o uso do celular, mas em educar para o uso consciente, ético e pedagógico das tecnologias no processo educativo.

**GRÁFICO I**



**Fonte:** Elaboração Própria.

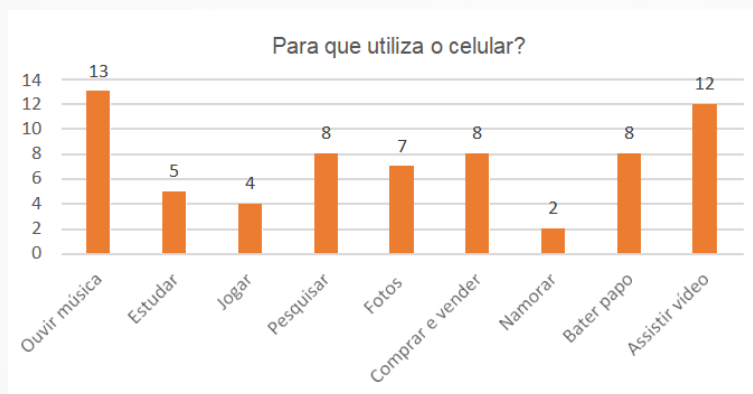
O gráfico apresentado revela que a maioria dos alunos (8) utiliza o celular o dia todo, enquanto uma parcela menor (6) admite não utilizá-lo durante todo o dia. Essa observação é um ponto importante no contexto da proibição do uso do celular na Educação Básica, pois indica uma forte presença do dispositivo no cotidiano dos estudantes, o que pode refletir tanto no potencial para uso pedagógico quanto nos desafios que essa realidade impõe às práticas educacionais.

Uma leitura crítica desse dado, à luz da literatura de Casagrande (2023), sugere que essa presença significativa do celular não se traduz automaticamente em seu aproveitamento como ferramenta pedagógica. Casagrande ressalta que a simples disponibilidade da tecnologia não

garante sua efetiva integração no processo de ensino-aprendizagem, destacando que a preparação dos professores, o suporte institucional, e as práticas pedagógicas adequadas são elementos decisivos para que o uso do celular ultrapasse o âmbito recreativo e se torne um recurso educacional valioso.

Assim, a discrepância entre o uso cotidiano do celular e a dificuldade em incorporá-lo produtivamente nas aulas, apontada no gráfico e no resumo anterior, reforça o argumento de Casagrande sobre a necessidade de superar barreiras como a falta de formação docente, infraestrutura precária e metodologias desatualizadas, para que a tecnologia atue como instrumento de inclusão e inovação pedagógica, e não apenas como dispositivo de distração.

**GRÁFICO II**



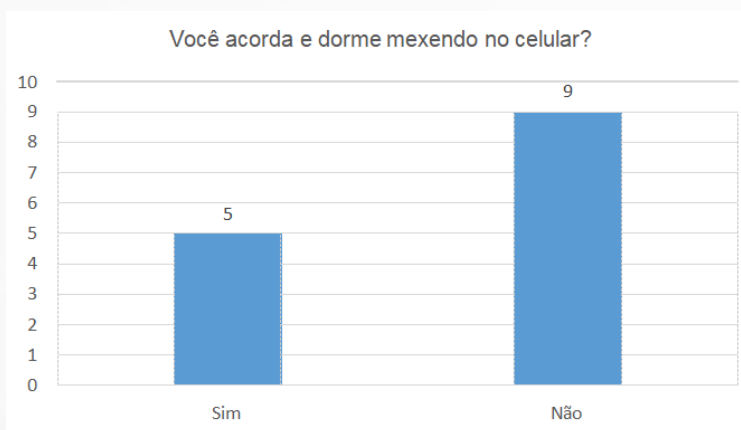
**Fonte:** Elaboração Própria.

O gráfico revela as finalidades mais comuns para as quais os estudantes utilizam o celular, destacando atividades predominantemente ligadas ao entretenimento e à comunicação, como ouvir música (13), assistir vídeos (12), bater papo (8) e pesquisar (8). Atividades acadêmicas, como estudar (5), aparecem em menor escala, e há também usos comerciais (comprar e vender - 8) e sociais (namorar - 2). Esse panorama indica que, embora o celular seja um recurso presente no cotidiano dos alunos, seu uso ainda se concentra mais em funções de lazer e comunicação do que de aprendizagem formal.

Ao relacionar esses dados ao trabalho de Paraíso (2023), observa-se que o ensino contemporâneo enfrenta o desafio de transformar os celulares em instrumentos pedagógicos efetivos, superando a visão restritiva que os associa apenas ao distrativo. Ela enfatiza a importância do desenvolvimento das habilidades digitais de maneira interdisciplinar, propondo um letramento digital que articule ensino, pesquisa e práticas de uso consciente das tecnologias no ambiente escolar. Tal perspectiva aponta para a necessidade de estratégias educativas que integrem o celular ao currículo de forma crítica e produtiva, promovendo a educação digital como uma competência essencial para o século XXI.

Criticamente, o uso majoritário para lazer e comunicação reflete as dificuldades apontadas por Paraíso quanto à insuficiência de práticas pedagógicas que contemplem a tecnologia como aliada no processo de ensino-aprendizagem. A disparidade no uso do celular para estudar aponta para obstáculos reais, como a formação dos professores em TIC, a infraestrutura da rede escolar e a atualização das metodologias pedagógicas, revelando a necessidade de políticas educacionais articuladas e inovadoras que efetivem o potencial do celular no contexto escolar.

**GRÁFICO III**



**Fonte:** Elaboração Própria.

O gráfico demonstra informações relevantes sobre os hábitos dos estudantes em relação ao uso do celular. Nota-se que a maioria dos alu-

nos utiliza o celular durante todo o dia (8), enquanto 6 não o fazem. Além disso, a maior parte dos estudantes não acorda ou dorme mexendo no aparelho (9), apesar de uma minoria considerável afirmar que sim

(5). Quanto às finalidades do uso, predominam atividades de lazer e interação social, como ouvir música (13), assistir vídeos (12), e conversar (8), sendo que o uso para estudar é menos frequente (5).

Em uma leitura crítica, esses dados revelam um panorama em que o celular está profundamente integrado ao cotidiano dos alunos, mas predominantemente para fins não acadêmicos. Esse uso intenso e diversificado pode dificultar sua incorporação efetiva como ferramenta pedagógica, demanda destacada no debate atual sobre educação e tecnologia.

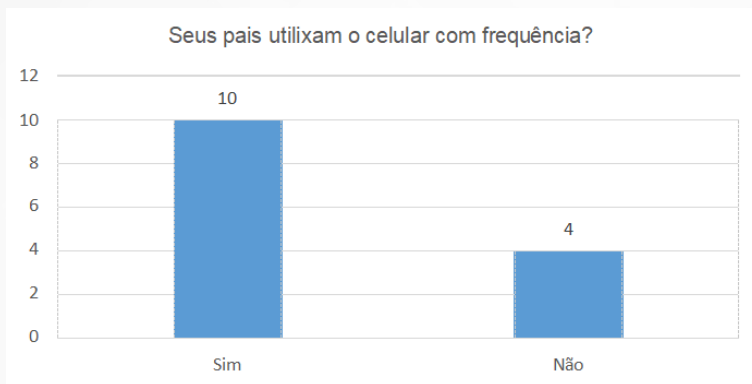
Relacionando essas observações ao estudo de Peixoto, Lima e Silva (2020), confirma-se que, apesar do crescimento do uso do celular como recurso pedagógico, ainda persistem desafios importantes, como a falta de preparo dos professores para mediar o uso da tecnologia em sala de aula e a resistência institucional. Os autores evidenciam que o celular pode ser um potente aliado no ensino, especialmente quando utilizado de forma orientada para o engajamento dos estudantes, estímulo à participação e construção do conhecimento por meio de aplicativos, vídeos e comunicação colaborativa. Entretanto, o uso predominantemente recreativo detectado nos dados sugere que tais potencialidades ainda estão insuficientemente exploradas na prática escolar.

Assim, o trabalho de Peixoto, Lima e Silva (2020), reforça a necessidade de políticas educativas que promovam a formação continuada dos profissionais da educação e a reestruturação das metodologias pedagógicas, visando a transformação do celular de instrumento exclusivo de lazer em ferramenta pedagógica efetiva, capaz de ampliar as possibilidades de aprendizagem no contexto contemporâneo.

Isso significa que, com uma formação adequada e metodologias inovadoras, o celular pode deixar de ser um elemento de distração e se tornar um instrumento ativo de aprendizagem, favorecendo pesquisas, interações, produções colaborativas e o acesso a conteúdos digitais. Em

outras palavras, os autores apontam para a importância de transformar a cultura do uso das tecnologias na escola, de modo que elas contribuam efetivamente para a aprendizagem significativa e o desenvolvimento das competências digitais dos estudantes e professores no contexto contemporâneo.

**GRÁFICO IV**



**Fonte:** Elaboração Própria.

O gráfico apresenta dados sobre a frequência de uso de celular pelos pais dos respondentes, mostrando que 10 pessoas afirmam que os pais utilizam o celular com frequência, enquanto 4 pessoas afirmam que não.

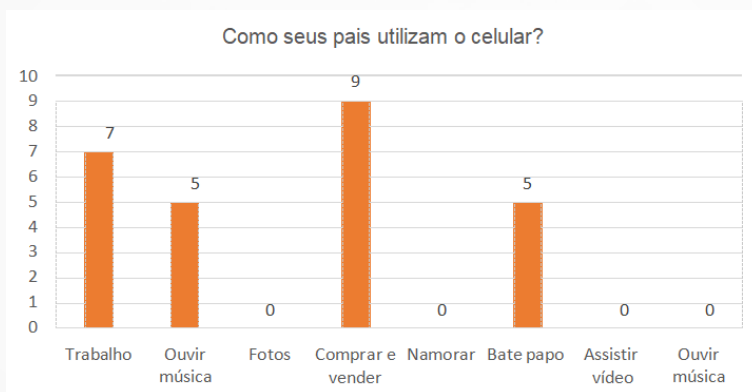
A maioria dos pais dos respondentes utiliza o celular com frequência, representando 71,4% do total (10 de 14), o que sinaliza uma tendência significativa de inserção dos pais no universo digital e potencial abertura para o uso de tecnologias de comunicação.

O gráfico revela que a maioria dos pais utiliza o celular com frequência, mostrando proximidade das famílias com tecnologias digitais. Segundo Boscaroli (2022), essa realidade é fundamental para o avanço da educação digital, pois ele defende que experiências educativas devem integrar o cotidiano tecnológico familiar e escolar para refletir uma cultura contemporânea conectada. Propõe que a presença das tecnologias digitais na vida das famílias facilita a interlocução escola-família, contribui para práticas educativas mais inovadoras e prepara professores, alunos e responsáveis para o uso crítico e criativo das ferramentas digitais.

Para Boscaroli (2022) é necessário repensar a formação docente e as dinâmicas escolares para integrar as TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) de forma ativa e significativa, considerando o envolvimento das famílias para potencializar o protagonismo de todos no processo educacional. Quando a escola propõe práticas colaborativas mediadas por tecnologias, envolvendo os diferentes agentes do entorno educacional, há uma ampliação do protagonismo coletivo, tornando a educação mais participativa, contextualizada e alinhada à realidade digital dos estudantes.

Assim, o dado do gráfico aponta que há condições favoráveis para planejar iniciativas integradas, nas quais o uso das TDICs possa aproximar o ensino da vivência cotidiana dos alunos, favorecendo uma aprendizagem significativa e conectada ao mundo contemporâneo.

**GRÁFICO V**



**Fonte:** Elaboração Própria.

O gráfico mostra os principais usos do celular pelos pais, com destaque para atividades ligadas a compra e venda (9 respostas), trabalho (7 respostas) e socialização (bate-papo: 5 respostas, ouvir música: 5 respostas).

A utilização do celular para compra/venda e trabalho indica que o uso vai além do entretenimento, estando fortemente relacionado ao cotidiano e à inserção no mundo produtivo e econômico. A presença significativa do bate-papo revela também a dimensão comunicacional, embora usos de lazer como ouvir música apareçam, enquanto outras funções (fotos,

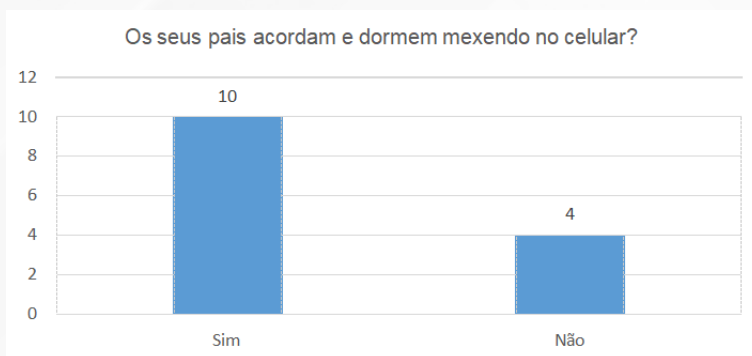
namorar, assistir vídeo) não recebem registros, sugerindo hábitos mais pragmáticos.

O predomínio de usos pragmáticos reforça a ideia de que os celulares são ferramentas integradas à rotina familiar e profissional, alinhando-se a tendências de educação digital que defendem a valorização das vivências cotidianas e do letramento digital crítico. Isso oferece oportunidades para propostas pedagógicas que dialoguem com essas práticas reais e aproximem escola, família e tecnologia.

O gráfico revela que os usos do celular pelos pais concentram-se em atividades como compra e venda, trabalho e comunicação. Segundo Moran (2024), a educação inovadora envolve justamente o reconhecimento dos contextos cotidianos e a integração das tecnologias digitais ao dia a dia escolar e familiar, defendendo o uso consciente, flexível e criativo das ferramentas digitais para potencializar novas formas de ensinar e aprender. Também destaca que as tecnologias digitais devem ser pensadas como recursos que aumentam as interações entre família, escola e sociedade, favorecendo currículos flexíveis e personalizados, centrados em competências e projetos que dialogam com as necessidades e os interesses reais dos alunos e suas famílias. O perfil de uso frequente dos celulares para trabalho e negócios sugere que propostas pedagógicas inovadoras podem se aproximar da realidade desses familiares, tornando as experiências educativas mais significativas e produtivas.

Moran (2024) enfatiza que projetos educativos inovadores devem explorar metodologias ativas, aprendizagem baseada em projetos e ambientes digitais, valorizando a comunicação, autoria e colaboração promovidas pelas TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação). O mapeamento dos usos do celular pelos pais pode ser explorado na escola para aproximar os conhecimentos escolares dos saberes experienciados em casa, incentivando parcerias, protagonismo e formação cidadã alinhada aos princípios da educação inovadora.

GRÁFICO VI



Fonte: Elaboração Própria.

O gráfico indica que a maioria dos pais (10 respostas) acorda e dorme mexendo no celular, enquanto 4 respostas indicam que não o fazem.

Essa informação destaca a presença intensa das tecnologias digitais na rotina familiar, sugerindo uma incorporação do celular nos primeiros e últimos momentos do dia. Tal comportamento revela a centralidade que o dispositivo tem no dia a dia, impactando possíveis hábitos de atenção, descanso e comunicação.

Essa prevalência do uso do celular em horários sensíveis do dia fortalece a necessidade de educar, no contexto escolar e familiar, para a mediação digital, buscando o equilíbrio entre o uso da tecnologia e o bem-estar físico e mental. O dado pode embasar projetos de conscientização e práticas de saúde digital, alinhados a propostas educativas inclusivas e contextualizadas.

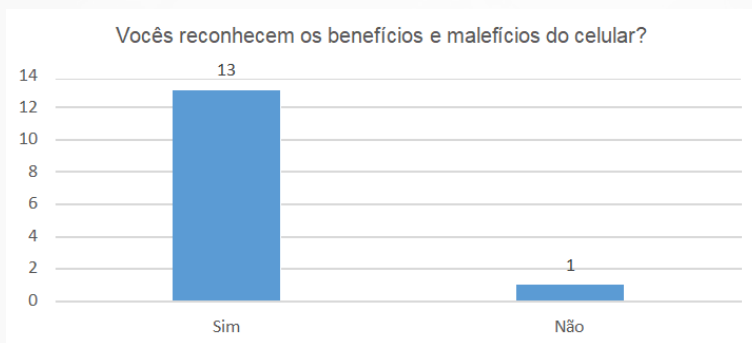
O gráfico mostra que grande parte dos pais acorda e dorme mexendo no celular, indicando uso intenso e contínuo da tecnologia ao longo do dia. Segundo Câmara (2020), esse tipo de comportamento está associado a prejuízos biopsicossociais relacionados ao uso abusivo de tecnologias, especialmente quando não há limites claros ou consciência sobre possíveis impactos.

De acordo com Câmara (2020) o uso excessivo de celulares pode causar isolamento social, afetar negativamente a qualidade das relações familiares, além de favorecer problemas emocionais como desmotivação,

ansiedade e depressão. No contexto físico, esse uso prolongado também está ligado a distúrbios do sono, fadiga ocular, posturas inadequadas, dores articulares, e até prejuízos auditivos com o uso de fones de ouvido. Esses dados reforçam a importância da educação para o uso crítico e responsável das tecnologias, tanto na família quanto na escola.

Câmara (2020) alerta para os riscos do tempo excessivo de tela, destacando a necessidade de orientar pais e responsáveis quanto aos impactos biopsicossociais e para o equilíbrio entre tecnologia, convivência e qualidade de vida. O gráfico evidencia um cenário onde intervenções pedagógicas sobre saúde digital e limites ao uso de dispositivos são cada vez mais urgentes e relevantes.

**GRÁFICO VII**



O gráfico apresenta os resultados da pergunta “Vocês reconhecem os benefícios e malefícios do celular?”, revelando uma percepção amplamente positiva e consciente entre os participantes. Dos respondentes, 13 afirmaram reconhecer tanto os aspectos benéficos quanto os prejudiciais do uso do celular, enquanto apenas 1 respondeu negativamente.

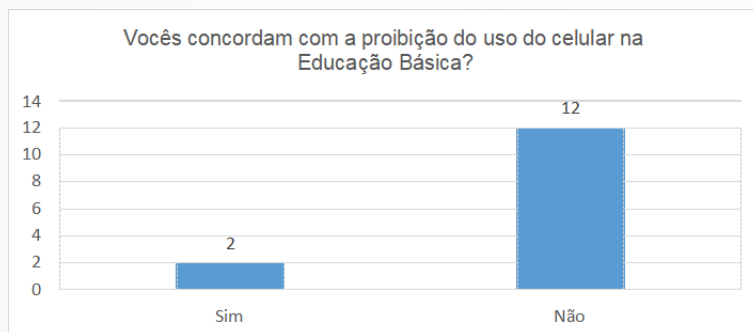
De forma crítica, esse resultado indica que a maioria possui uma visão equilibrada e reflexiva sobre o uso das tecnologias móveis, compreendendo que o celular pode ser um instrumento de aprendizagem, comunicação e acesso à informação, mas também uma fonte de distração, dependência e superficialidade. Essa consciência é fundamental no contexto educacional, pois reflete o desenvolvimento de uma com-

petência digital responsável, necessária para o uso pedagógico das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação).

Contudo, o pequeno número de respostas negativas pode sinalizar que ainda há lacunas na compreensão crítica de alguns indivíduos sobre o impacto social e cognitivo do uso excessivo do celular. Isso reforça a necessidade de formações que promovam a reflexão ética e pedagógica sobre o uso da tecnologia, especialmente no curso de Pedagogia, onde futuros educadores devem aprender a mediar o uso dos dispositivos de forma equilibrada e educativa.

Em síntese, o gráfico evidencia uma consciência tecnológica majoritariamente madura, mas aponta também para a importância de continuar investindo na formação crítica e digital dos estudantes, conforme destacam autores como Kenski (2024) e Sabag (2018), que ressaltam o papel da educação na construção de uma relação consciente e produtiva com as tecnologias.

**GRÁFICO VIII**



O gráfico apresenta os resultados da pergunta “Vocês concordam com a proibição do uso do celular na Educação Básica?”, evidenciando que a maioria dos participantes (12) é contrária à proibição, enquanto apenas 2 concordam com essa medida.

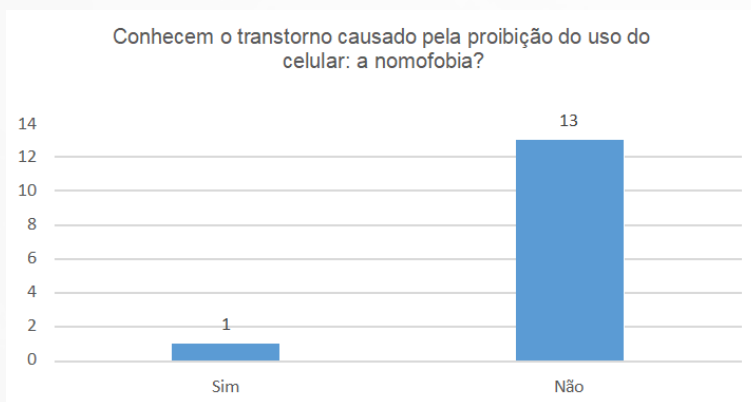
De modo crítico, esse resultado demonstra uma compreensão contemporânea e pedagógica sobre o papel do celular na educação. Os participantes parecem reconhecer que o dispositivo, quando utilizado de forma orientada e pedagógica, pode ser um recurso didático relevante,

favorecendo o acesso à informação, a interatividade e a aprendizagem significativa. Essa visão está alinhada às concepções de autores como Kenski (2024) e Gadotti (2024), que destacam o potencial das tecnologias digitais como mediadoras do conhecimento e instrumentos de inclusão digital.

A minoria que defende a proibição pode refletir preocupações com o mau uso do celular, como distrações, uso indevido de redes sociais e dificuldade de concentração. Tais preocupações são legítimas, mas reforçam a necessidade de estratégias pedagógicas e políticas escolares claras, que eduquem para o uso responsável, em vez de simplesmente restringirem o acesso.

Em síntese, o gráfico revela que os participantes compreendem que a proibição não é o caminho mais eficaz. Ao contrário, defendem o uso crítico, ético e pedagógico das tecnologias móveis, reconhecendo o papel da escola em formar cidadãos digitalmente competentes, capazes de utilizar o celular como ferramenta de aprendizagem, e não apenas de entretenimento.

**GRÁFICO IX**



O gráfico apresenta os resultados da pergunta “Conhecem o transtorno causado pela proibição do uso do celular: a nomofobia?”, revelando que 13 participantes afirmaram não conhecer o termo, enquanto apenas 1 declarou conhecer.

De forma crítica, esses dados evidenciam uma lacuna significativa de conhecimento sobre os impactos psicológicos e sociais do uso excessivo do celular, especialmente no contexto educacional. A nomofobia, entendida como o medo ou ansiedade de ficar sem o celular, é um fenômeno contemporâneo ligado à dependência tecnológica e à constante necessidade de conectividade. O desconhecimento generalizado desse transtorno indica que, embora os participantes reconheçam os benefícios e malefícios do uso do celular, ainda falta aprofundamento teórico e formativo sobre os riscos psicossociais associados à tecnologia.

Do ponto de vista pedagógico, esse resultado reforça a importância de incluir nas formações docentes discussões sobre saúde digital, equilíbrio no uso das tecnologias e bem-estar emocional. Conforme apontam autores como Kenski (2024) e Sabag (2018), a formação de educadores deve contemplar não apenas o uso técnico e pedagógico das TICs, mas também uma compreensão crítica e ética de seus efeitos sobre os sujeitos.

Para Kenski (2020), o papel do educador é o de mediador consciente do uso das tecnologias, promovendo práticas que estimulem a reflexão, a autonomia e o pensamento crítico dos alunos diante das informações que circulam no meio digital.

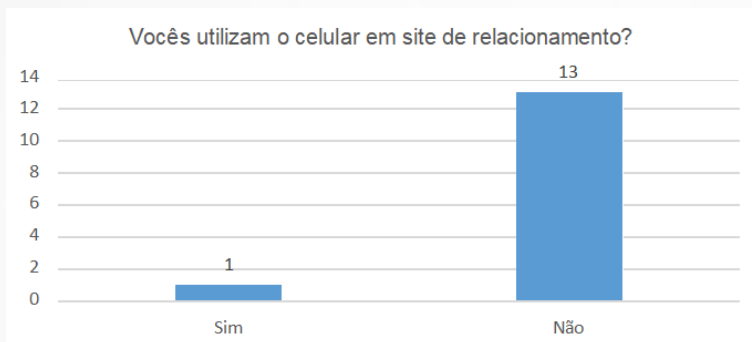
Já Sabag (2018) reforça que a formação de professores precisa integrar dimensões técnicas, pedagógicas e humanas, preparando o educador para lidar com os desafios do mundo digital, como a desinformação, a dependência tecnológica e as desigualdades no acesso.

Portanto, a ideia central desses autores é que a competência digital docente não se resume a saber usar a tecnologia, mas envolve formar sujeitos críticos, responsáveis e éticos, capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem, utilizando as TICs como instrumentos de emancipação e inclusão social.

Em síntese, o gráfico revela que há consciência sobre o uso do celular, mas falta conhecimento conceitual e científico sobre seus impactos psicológicos, o que limita a capacidade de educadores e futuros pedagogos

de orientar os alunos para um uso saudável e consciente das tecnologias digitais. Essa constatação aponta para a necessidade de políticas educacionais que promovam a alfabetização digital crítica, integrando temas como dependência tecnológica e autocontrole digital ao currículo da formação docente.

**GRÁFICO X**



**Fonte:** Elaboração Própria.

O gráfico apresenta os resultados da pergunta “Vocês utilizam o celular em site de relacionamento?”, mostrando que 13 participantes responderam “não” e apenas 1 respondeu “sim”.

De forma crítica, os dados indicam que a maioria dos respondentes não utiliza o celular para esse tipo de finalidade, o que pode revelar um uso mais funcional e acadêmico do dispositivo, especialmente em um contexto formativo como o curso de Pedagogia. Essa tendência sugere que os participantes mantêm uma relação mais consciente e seletiva com o uso das tecnologias, priorizando atividades voltadas à comunicação educativa, estudos ou lazer moderado, em detrimento de interações em plataformas de relacionamento.

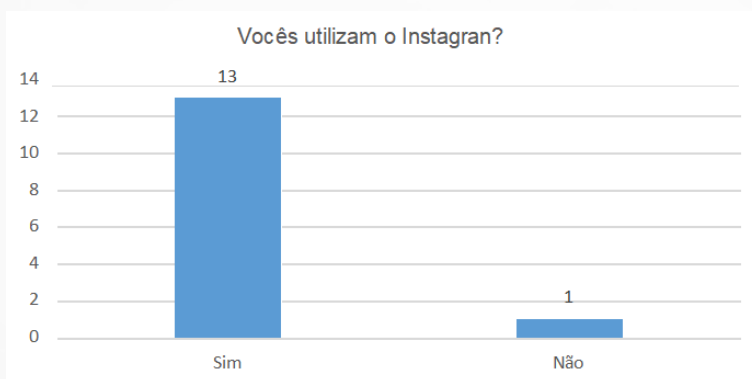
Por outro lado, a baixa adesão a esses sites também pode estar associada a questões de privacidade, valores pessoais ou mesmo desconhecimento das dinâmicas dessas plataformas, refletindo uma visão crítica e prudente sobre a exposição digital. De acordo com Kenski (2024), o uso das TICs exige uma postura ética e responsável, pois o ambiente vir-

tual implica riscos relacionados à segurança de dados, identidade digital e comportamento social.

Em termos pedagógicos, o resultado reforça a necessidade de abordar a educação digital de forma integral, discutindo não apenas o uso das tecnologias na aprendizagem, mas também seus impactos nas relações interpessoais e na construção da cidadania digital. Isso se alinha à perspectiva de Gadotti (2024), que defende a formação de sujeitos críticos, éticos e conscientes diante das transformações tecnológicas.

Dessa forma, o gráfico evidencia que, embora os participantes utilizem o celular de maneira ampla, seus usos estão mais voltados a finalidades produtivas e menos a relações interpessoais mediadas por aplicativos, demonstrando uma postura responsável e madura frente às possibilidades da tecnologia.

**GRÁFICO XI**



**Fonte:** Elaboração Própria.

O gráfico apresenta os resultados da pergunta “Vocês utilizam o Instagram?”, mostrando que 13 participantes responderam “sim” e apenas 1 respondeu “não”.

De forma crítica, esses dados evidenciam que o Instagram é amplamente utilizado pelos participantes, o que reflete o papel central que as redes sociais digitais exercem na vida cotidiana e na comunicação contemporânea. Essa predominância indica que o aplicativo é visto não apenas como uma ferramenta de entretenimento, mas também como

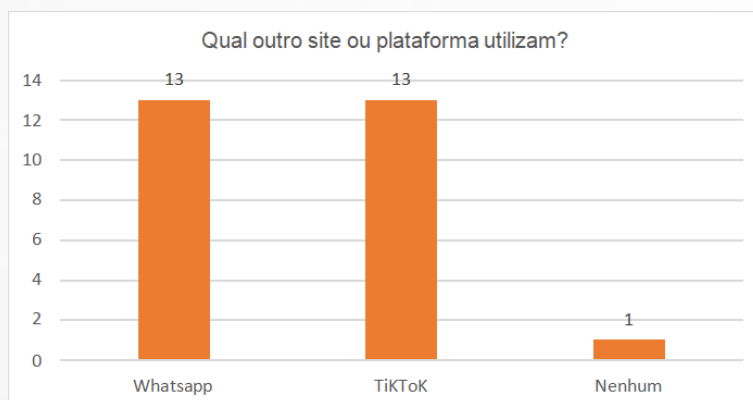
um espaço de interação social, informação e, potencialmente, de aprendizagem.

Do ponto de vista educacional, o alto índice de uso pode representar uma oportunidade para integrar o Instagram em práticas pedagógicas inovadoras, explorando-o como recurso de divulgação científica, produção de conteúdo educativo e promoção da cultura digital crítica. Autores como Kenski (2024) e Chrysóstomo (2021) destacam que as TICs, quando bem orientadas, podem transformar o ambiente educativo, aproximando-o da realidade digital dos alunos e favorecendo metodologias ativas e colaborativas.

Entretanto, é importante uma análise crítica sobre os riscos associados ao uso intensivo das redes sociais, como a superficialidade da informação, a exposição excessiva e a dependência digital. Esses aspectos reforçam a necessidade de formação docente voltada à educação midiática e digital, capacitando futuros pedagogos a orientar os alunos sobre o uso consciente e ético das plataformas virtuais.

Assim, o gráfico mostra que o Instagram é uma das ferramentas digitais mais presentes na vida dos participantes, o que representa tanto um desafio quanto uma oportunidade pedagógica. Cabe à educação aproveitar esse potencial para promover aprendizagens significativas, ao mesmo tempo em que desenvolve uma consciência crítica e responsável no uso das mídias sociais.

**GRÁFICO XII**



**Fonte:** Elaboração Própria.

O gráfico apresenta os resultados da pergunta “Qual outro site ou plataforma utilizam?”, evidenciando que 13 participantes utilizam o WhatsApp, 13 utilizam o TikTok, e apenas 1 afirmou não utilizar nenhuma dessas plataformas.

De forma crítica, os dados revelam que as redes sociais e os aplicativos de comunicação instantânea estão fortemente presentes na rotina dos participantes, o que confirma a centralidade das TICs na vida cotidiana e nas interações sociais contemporâneas. Tanto o WhatsApp quanto o TikTok são ferramentas que, embora com finalidades distintas, comunicação e entretenimento, respectivamente, exercem grande influência na forma como os indivíduos se comunicam, aprendem e compartilham informações.

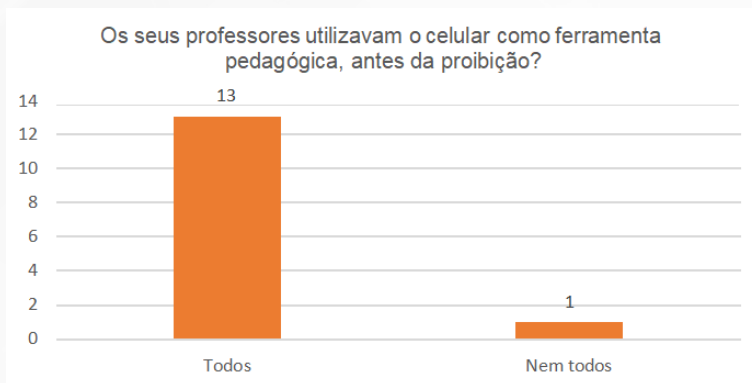
O uso massivo dessas plataformas reflete o que Kenski (2024) denomina de cultura digital, na qual a comunicação e o acesso à informação se tornam imediatos, interativos e multimodais. Contudo, essa mesma presença intensa também suscita preocupações quanto à superficialidade das interações, à desinformação e à dificuldade de concentração causadas pelo consumo rápido de conteúdos, especialmente em ambientes de aprendizagem.

Do ponto de vista pedagógico, o gráfico reforça a necessidade de aproveitar o potencial dessas plataformas de forma educativa, transformando-as em ferramentas de ensino e aprendizagem, e não apenas de lazer. O WhatsApp, por exemplo, pode ser explorado para comunicação entre professores e alunos, grupos de estudo e compartilhamento de materiais, enquanto o TikTok pode ser utilizado para produção de vídeos curtos educativos, estimulando a criatividade e o protagonismo dos estudantes.

Dessa forma, os resultados demonstram que os participantes estão imersos em uma cultura digital participativa, e isso constitui um campo fértil para a inovação pedagógica. No entanto, é fundamental que a formação docente promova uma visão crítica, ética e reflexiva sobre o uso dessas plataformas, conforme apontam Chrysóstomo (2021) e Gadotti

(2024), de modo que o uso das tecnologias contribua efetivamente para a construção do conhecimento e o desenvolvimento da cidadania digital.

**GRÁFICO XIII**



**Fonte:** Elaboração Própria.

O gráfico apresenta os resultados da pergunta “Os seus professores utilizavam o celular como ferramenta pedagógica, antes da proibição?”, indicando que 13 participantes responderam “todos” e apenas 1 respondeu “nem todos”.

De forma crítica, os dados evidenciam que a grande maioria dos professores já fazia uso do celular como instrumento pedagógico, o que revela uma adesão significativa às tecnologias digitais na prática docente. Essa realidade demonstra que os educadores reconhecem o potencial pedagógico do celular, especialmente como ferramenta de mediação do conhecimento, interação e aprendizagem colaborativa.

Segundo Kenski (2024), o uso das tecnologias móveis em sala de aula amplia as possibilidades de ensino, tornando o aprendizado mais dinâmico e conectado ao cotidiano dos estudantes. O resultado do gráfico reforça essa ideia, pois mostra que o celular vinha sendo incorporado de forma positiva e produtiva ao ambiente educacional, antes da imposição de proibições.

Entretanto, a existência de um participante que respondeu “nem todos” sugere que a integração do celular à prática docente ainda não era homogênea, podendo refletir diferenças na formação tecnológica,

resistência ao uso das TICs ou falta de políticas institucionais claras. Conforme aponta Sabag (2018), a infraestrutura tecnológica e a formação continuada dos professores são fatores determinantes para a efetiva integração das tecnologias na educação.

Em síntese, o gráfico revela que o uso do celular como ferramenta pedagógica já estava consolidado entre os docentes, mostrando abertura à inovação e alinhamento com as demandas da cultura digital. A proibição, nesse contexto, pode ser interpretada como um retrocesso, pois desconsidera práticas educativas que promovem autonomia, criticidade e engajamento dos alunos, princípios defendidos por autores como Gadotti (2024) e Chrysóstomo (2021) na formação de uma educação contemporânea e transformadora.

A triangulação dos dados permite articular as informações quantitativas obtidas nos gráficos com as interpretações qualitativas e as referências teóricas utilizadas no estudo, oferecendo uma compreensão mais ampla e consistente sobre o uso do celular como ferramenta pedagógica e os desafios de sua integração nas práticas docentes.

Os resultados quantitativos revelam que a maioria dos professores utilizava o celular como instrumento pedagógico antes da proibição, o que demonstra uma abertura inicial para a inserção das tecnologias digitais no ambiente educacional. Essa evidência empírica dialoga com as contribuições de Kenski (2024), que defende o uso crítico e criativo das tecnologias na construção do conhecimento, e com Chrysóstomo (2021), ao enfatizar que as TICs ampliam as possibilidades didáticas e favorecem a autonomia do aluno.

Por outro lado, as análises qualitativas apontam para limitações estruturais e formativas, como a falta de preparo docente para integrar as tecnologias e a ausência de conectividade nas escolas. Esses achados confirmam as hipóteses do estudo e encontram respaldo em Sabag (2018), que relaciona a eficácia do uso tecnológico à existência de uma infraestrutura educacional adequada, e em Menegolla e Sant'Anna (2022), que

discutem a persistência de metodologias tradicionais que dificultam a efetivação de práticas inovadoras.

Além disso, ao considerar a dimensão sociocultural, os dados corroboram as ideias de Gadotti (2024) sobre a necessidade de formar cidadãos críticos e participativos em uma sociedade midiática, na qual o uso das tecnologias está intrinsecamente ligado aos processos de socialização e construção da identidade.

Dessa forma, a triangulação evidencia uma convergência entre dados, teoria e observações práticas, mostrando que, embora haja reconhecimento do valor pedagógico do celular, persistem desafios estruturais, formativos e culturais que dificultam sua plena incorporação ao processo de ensino-aprendizagem. Esse cruzamento reforça a importância de políticas institucionais de formação docente continuada e investimentos em infraestrutura tecnológica, visando uma integração crítica, consciente e efetiva das tecnologias digitais na educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados obtidos por meio dos gráficos permite concluir que o uso do celular e das tecnologias digitais está profundamente integrado ao cotidiano dos participantes, refletindo a realidade da sociedade contemporânea e o impacto crescente das TICs na educação. Os dados revelam uma postura majoritariamente consciente e positiva quanto ao uso desses recursos, indicando que os participantes reconhecem tanto seus benefícios quanto seus possíveis malefícios, demonstrando maturidade digital e abertura para práticas pedagógicas inovadoras.

Observou-se que a maioria não concorda com a proibição do uso do celular na Educação Básica, compreendendo-o como uma ferramenta potencialmente educativa e interativa, quando bem orientada. Esse entendimento reforça a importância de políticas educacionais que valorizem o uso pedagógico das tecnologias, em vez de medidas restritivas que limitem a criatividade e a autonomia docente.

Verificou-se que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que o estudo conseguiu destacar a importância do celular como ferramenta pedagógica, capaz de ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem, promovendo a interação, a autonomia e o protagonismo discente. Também foi possível citar e compreender os benefícios e os malefícios do uso indiscriminado do celular, reconhecendo que, embora ele potencialize o acesso à informação e facilite a comunicação, seu uso excessivo pode causar dispersão, dependência e dificuldades de concentração. Além disso, a pesquisa explicou a relação do indivíduo com sua socialização na sociedade midiática, demonstrando como as tecnologias moldam comportamentos, hábitos e formas de interação, especialmente entre os jovens.

As hipóteses iniciais também se mostraram verdadeiras, evidenciando a falta de preparo dos professores para a integração tecnológica, a ausência de conectividade adequada nas escolas e a manutenção de metodologias tradicionais, ainda desconectadas do contexto midiático atual. Esses fatores limitam o aproveitamento pleno do potencial pedagógico do celular e de outras tecnologias digitais.

Os resultados também apontam para lacunas de conhecimento conceitual, como o desconhecimento sobre a nomofobia, o que evidencia a necessidade de ampliar a formação crítica e emocional relacionada ao uso das tecnologias. Além disso, o amplo uso de plataformas como Instagram, WhatsApp e TikTok demonstra o quanto esses espaços digitais podem ser ressignificados para fins educativos, aproximando o ensino da linguagem e da realidade dos alunos.

No que se refere à prática docente, verificou-se que a maioria dos professores já utilizava o celular como ferramenta pedagógica antes da proibição, o que reforça a existência de uma mudança de paradigma na educação, voltada à integração das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem.

Conclui-se, portanto, que o desafio não reside em proibir o uso do celular, mas sim em formar educadores e estudantes para utilizá-lo de forma

ética, consciente e pedagógica, promovendo aprendizagens significativas e contribuindo para a construção de uma cultura digital responsável dentro e fora do espaço escolar.

## REFERÊNCIAS

BOSCARIOLI, C. Educação com Tecnologias Digitais na Educação Básica: reflexões, anseios e distâncias pela formação docente. **Revista de Educação Pública**, vol. 31, 2022.

CÂMARA, Hortência Veloso et al. Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais. **Revista de psicologia**, v. 14, n. 51, p. 366-379, 2020.

CASAGRANDE, Renato. **Educação nos novos tempos: para fazer acontecer!** 1ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2023.

CHRYSÓSTOMO, C. S. C. Tecnologia e Curso de Pedagogia: desafios e rupturas em um processo dialógico plural. In **VII CONEDU - Escola em tempos de conexões**, (pp.1953-1970), 2021. [https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2021/ebook3/TRABALHO\\_EV150\\_MD7\\_SA100\\_ID2962\\_26092021104435.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2021/ebook3/TRABALHO_EV150_MD7_SA100_ID2962_26092021104435.pdf)

GADOTTI, M. **A Educação Contra a Educação**. Prefácio Paulo Freire. 6ª edição. São Paulo: Global, 2024.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 13ª reimpressão. Campinas: Papirus, 2024.

MENEGOLLA, M. & SANT'ANNA, I. M. **Por que planejar? Como planejar? currículo, área, aula**. Editora Vozes, 2022.

MORAN, J. M. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 11ª ed. Reimpressão. Campinas: Papirus, 2024.

PARAÍSO, Marlucey Alves. **Currículos: teorias e políticas**. São Paulo: Contexto, 2023. PEIXOTO, Marco Aurélio Nicolato; LIMA, Lucas Ribeiro; SILVA, Cirlande Cabral Da. A internet e o seu acesso pelos estudantes em período escolar: à

procura de uma epistemologia comportamental e psicológica em ambiente escolar. **Revista Prática Docente**, v. 5, n. 2, p. 1459-1476, 2020.

SABBAG, P. Y. **Organização, Conhecimento e Educação**. Alta Books, 2018.